



**MARIA do Socorro prefere trabalhar aos domingos, pois ganha por dia, enquanto Leonardo desiste até das horas extras**

# Medida divide os comerciários

Os empresários vão esperar pela decisão do governador Joaquim Roriz para decidir o que fazer contra a proibição de abrir as lojas aos domingos. Na segunda-feira, o assunto será o prato do dia num almoço onde estarão reunidos os presidentes da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), do Clube dos Diretores Lojistas (CDL), do Sindicato do Comércio Varejista (Sindvarejista) e da Associação Comercial do DF.

Mas, de cara, a medida não agradou boa parte dos consumidores. A aposentada

Iara Castro considera a medida "um retrocesso" e diz que costuma sair para fazer comprar no domingo. Ela considera que "fechar o comércio nesse dia é uma perda para o consumidor e os lojistas".

Do outro lado está parte dos comerciários, que prefere o descanso. O balconista Leonardo Rodrigues defende a abertura das lojas apenas nas datas comemorativas, "porque é quando as pessoas realmente gastam". O rapaz garante que prefere ficar com a família no domingo do que receber as horas

extras trabalhadas.

Mesmo vendendo pouco, a pipoqueira Maria do Socorro Santos Nascimento prefere tocar o negócio, porque ganha pelo dia trabalhado. "Só não compensa para o dono do carrinho, pois há dias que a gente não vende nada; é só perda de tempo".

Para alguns setores, o faturamento do domingo deixa a desejar e só justifica abrir em datas especiais, como dia das mães e dia dos namorados. "Por causa do racionamento de energia não vamos mais abrir no domingo", explica Adauto Felipe

de Faria, gerente de uma das três lojas da Drogaria Distrital no Conjunto Nacional. Ele garante que o prejuízo é mínimo porque as vendas não são representativas no domingo.

Para o secretário de Desenvolvimento, Lázaro Marques, abrir aos domingos só é bom para as grandes redes de supermercados e alguns shoppings. Adelmir Santana, da Fecomércio, diz que não - e avisa que haverá dispensa de funcionários, mas ainda não sabe precisar o montante das demissões. (L.A.)